

Formação de Professores Indígenas: Investigando a Construção de uma Didática Diferenciada

FERNANDES, Dulcilene Rodrigues – UFMT

GT: Movimentos Sociais e Educação / n.03

Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Orientador: Prof. Dr. Darci Secchi-UFMT

O contato dos povos indígenas que habitam o Estado de MT deu-se a partir do início do séc. XVIII, através das expedições escravagistas e mineradoras, no entanto no que diz respeito a instalação das primeiras escolas destinadas aos índios foi apenas no final do séc. XIX, com as missões salesianas junto aos índios bororo.

Desde então muitas outras missões chegaram ao Mato Grosso com objetivo de atuar direta ou indiretamente na educação escolar indígena.

A partir da década de 70, passou-se a desenvolver uma nova abordagem para o trabalho de educação escolar indígena, ou seja, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), criado em 1971 começa a promover formação específica para missionários e indigenista sobre a temática educacional sobre conteúdos lingüísticos, antropológicos, de economia indígena, etc.

A partir de 1982, a operação Anchieta – OPAN- promoveu uma série de encontros de educação indígena abertos a pessoa e entidades interessadas.

No ano de 1989, é criada no organograma da SEDUC-MT, a Divisão de Educação Indígena e Ambiental, esta passa a coordenar todas as opções de educação escolar indígena do Estado.

Com a mudança administrativa ocorrida no Estado no ano de 1992, este setor da educação indígena foi extinto e o NEI/MT, desativado. Mais tarde, com administração nova, a questão indígena passa a ser incluída no Plano de Metas do Governo de Mato Grosso. Em 1987 a SEDUC (secretaria de educação de M.T.) incentiva a criação do Núcleo de Educação Indígena de MT-NEI/MT, com objetivo de planejar diretrizes da política de educação escolar indígena do Estado.

No final da década de 90 foi elaborado pelo professor Doutor Darci Secchi, através do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento- PNUD, o “Diagnóstico da Educação Escolas Indígenas em Mato Grosso”, que priorizou a implementação de um Programa de Formação de Professores Indígenas para os 35 povos indígenas de Mato Grosso. Para a concretização do Programa foi necessário muitos debates em seminários regionais organizados pela SEDUC e CAIEMT, com a participação as SEMEC, FUNAI, Universidades, ONGs, professores e lideranças indígenas.

Esses seminários resultam na criação por Decreto Estadual, do Conselho de Educação Escolar Indígena do Estado de Mato Grosso e também de uma comissão para sistematizar as diretrizes para a formação de professores indígenas e elaborar o projeto de formação para o Magistério que começaria atendendo 200 índios de 11 etnias, dentre essas, a etnia bororo que será fonte de pesquisa desse projeto.

Assim nasce, o Programa de Formação de Professores Indígenas para o Magistério- Projeto Tucum (Tucum Palmeira comum em muitas regiões que é utilizado na produção de artesanato pela maioria dos povos indígenas do Estado). Simboliza força e resistência, por isso, os professores escolheram esse nome para o projeto.

O Projeto Tucum adotou a modalidade de ensino parcelado e em serviço, assegurado ao final dos 04 anos de estudos e atividades docentes, o diploma de ensino médio e formação como professor das séries iniciais do ensino fundamental.

Um dos principais objetivos do projeto foi pensar no desenvolvimento de um processo educativo multi-referencial, fundado nas línguas, nas culturas e nas formas de

pensamento indígenas. Pensou também na construção da investigação como suporte do processo educativo, formadora e capacitadora do professor indígena para conhecer sua própria cultura no espaço e no tempo, de modo a conhecer dominar referenciais do próprio saber e o fortalecimento do processo interativo escola/ comunidade.

A ação pedagógica foi baseada em três eixos Terra língua e cultura. Esses eixos são círculos de toda cultura integrada. O modo como se vive esse sistema de relações caracteriza cada um dos povos indígenas envolvido no programa. O curso foi desenvolvido de forma parcelada e foi estruturado em etapas letivas intensivas e etapa letiva intermediária.

A semente da formação foi plantada e quase cinco anos depois, pretendo investigar em que a formação para magistério tem contribuído para a construção de uma didática diferenciada, ou seja, para um fazer diferente na sala de aula com a participação da comunidade.

É urgente discutir o porque da mão participação mais efetiva da comunidade na construção curricular da escola de seus filhos. Uma vez que este é um povo do diálogo, onde os assuntos importantes são resolvidos e discutidos por todos. Trabalhando com o povo bororo, vi com um respeito com que os mais novos reverenciam os mais velhos, os sábios das aldeias e com eles aprendem, sobre os seus rituais, seus valores, sua organização e cultura. Assim a educação informal fica a cargo das famílias e dos grandes chefes. As crianças bororo recebem os primeiros ensinamentos em casa no grande pátio, nos banhos de rio, nos rituais. E a educação escolar tem ficado a cargo somente dos professores, os pais, as mães, os avós e avôs etc, não tem ido a busca de um espaço na escola, não tem participado enfim da construção de uma escola diferenciada e de qualidade onde as crianças possam ir, permanecer e aprender, principalmente as coisas dos não índios sendo que este é um dos principais objetivos da escola para os bororo.

Dessa forma tentarei estudar e discutir com os interessados as causas que levam os professores índios a terem um discurso diferente da prática exercida em sala de aula e porque da não participação da comunidade na construção da escola de seus filhos.

Investigar, no entanto as reações e alguns dos muitos impactos da formação de professores indígenas- Projeto Tucum- na comunidade bororo Tadarimana.

Com isso pretendo contribuir para elevar o patamar de reflexão e de compreensão da realidade de vivida e recheada continuamente por novos complexos problemas das mais variadas origens. Este é um trabalho que exige uma postura ética acompanhada de contínua pesquisa sobre os movimentos, acontecimentos, ações, do povo atendido, o processo de ação reflexão concretizado através do dialogo onde mais sou aprendiz e ouvinte de uma cultura diferente da minha.

Dentro do difícil contexto de luta por direitos humanos e sociais, as questões sobre as escolas indígenas, fazem hoje parte das pautas de diversas e diferentes instâncias originadas nas aldeias e ampliando-se até os órgãos máximos do país.

Para isso proponho estudar os autores a seguir.

- François Laplantine, que no seu livro Aprender Antropologia-ed.Brasiliense, SP- diz que saberes e conhecimentos transmitidos ao conjunto e membros de uma sociedade, através de um processo de aprendizagem é preciso reconhecer que as influências sobre esses conjuntos, bem como suas compreensão são múltiplas, em contínua mudança, sofrendo o impacto de sociedades e sistema de valores variados, ou seja, a cultura de um povo está em transformação permanente.

- Roque Barros Laraia, porque em um dos livros- Cultura: um conceito antropológico 14ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.;2001- explica que embora nenhum indivíduo conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo

deve ser operado dentro do mesmo, além de que este conhecimento mínimo deve ser compartilhado por todos os componentes da sociedade, de forma a permitir a convivência dos mesmos.

- O antropólogo Darcy Ribeiro por fazer uma grande reflexão a cerca do modo de vida social, cultural de diferentes povos indígenas do Brasil. Destaco o livro *Os índios e a Civilização*- Ed. Companhia das Letras, São Paulo-1996.
- Renate Brigitte Viertler Poe ter estudado e analisado alguns importantes livros da vida do Povo Bororo. Referencio a dois importantes livros: *As duras penas – um histórico das relações entre civilizações e índios Bororo de Mato Grosso – Série Antropológica FFLCH – USP- SP, 1990.* E *As aldeias Bororo: Alguns aspectos de sua organização social – Coleção Museu Paulista, Série Etnologia. Vol.2- SP, 1976.*
- Darcy Secchi em uma de suas produções – *Escolas Indígenas e Autonomia: um olhar a partir da Teoria do Controle Cultural*, nos faz pensar em como a instituição escolar tem sido , importante elemento cultural externo incorporado ao cotidiano das sociedades indígenas contemporâneas.
- Peter McLaren Ramen Farahmandpur, pois a partir das teorias críticas, faz reflexões sobre a educação popular. Em seu livro *Pedagogia Revolucionária na Globalização* ed. D.Pe A, Rio de Janeiro, 2002- diz que em um contexto educacional, social e econômico ditado pelo capital global, é preciso aprender a pedagogia da resistência.
- Paulo Freire, porque na maioria de suas obras ele se dobra, e reencontra o essencial da educação; O dialogo que compartilha e provoca. Ética e liberdade, transformação, violência... velhos e novos temas se entrelaçam e realçam a antiga verdade freireana: não se educa sem a capacidade de se indignar diante de injustiças. Dois de seus livros *Medo e Ousadia. O cotidiano do professor- Paulo Freire e Ira Shor. Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos.*
- Paulo Augusto Mario Isaac com seu livro *Drama da educação escolar indígena- Boe Bororo*, por descrever como a educação escolar está refletindo o jogo de poder nas relações sociais Boe-Bororo em Tadarimana.

Vendo a educação como um fenômeno sociocultural e da complexidade que lhe é própria, imbricada numa série de dimensões históricas antropológicas, sociológicas e psicológicas, o desenvolvimento desse projeto se dará numa perspectiva intercultural, interinstitucional e multireferencial, a partir dos conhecimentos e sentimentos originários da sociedade indígena e dos conhecimentos escolares.

Esta pesquisa será qualitativa, que tem como principio ambiente natural sendo o mesmo sua fonte direta de dados. Desta forma será desenvolvido um trabalho de campo bastante intensivo, a ser realizado na escola, na comunidade indígena de Tadarimana, do povo Bororo, o que vai permitir identificar os impactos, contribuições e contradições trazidas pelo Programa de Formação de Professores Indígenas para o Magistério para a comunidade Bororo localizado em Rondonópolis-MT.

Revisão bibliográfica

AMERINDIA.Tecendo os Caminhos da Educação Escolar. Organizador: Sechhi, Darci. SEDUC/CEI-MT/ CAIE-MT. Cuiabá- MT, 1998

ANDRÉ, Marli. Etal.**Pedagogia das diferenças na sala de aula.** Papirus,1999.

FARAHMANDPUR, Peter McLaren Ramen.**Pedagogia Revolucionária na Globalização.** Ed.D.Pe A. Rio de Janeiro:2002

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Ed . Brasiliense. São Paulo, 1998

LARAIA, Roque Barros. **Cultura:um concerto antropológico**.14ª ed.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001

MATO, Grosso. Secretaria de Estado de Educação, Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso. Urucum Jenipapo e Giz; A educação escolar indígena em debate. Cuiabá: Entrelinhas,1997. 226p

MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Programa Parâmetros em Ação. Educação Escolar Indígena; Caderno de Apresentação. Brasília,2002

REFERENCIAL, curricular nacional para as escolas indígenas/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 1998

VIERTLER, Renate Brigitte. **As duras penas: um histórico das relações entre civilizações e índios Bororo de Mato Grosso**. Série Antropológica FFLCH- USP- SP,1990

SECHHI, Darci. **Diagnóstico da Educação Escolar Indígena em Mato Grosso**. Consultoria para Educação Escolar Indígena PNUD/ BRA/94/000/ PRODEAGRO, Cuiabá, 1995

SEDUC. **Relatórios do Projeto Tucum: coordenadores locais, assessores, docentes e monitores**. Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá, 1995/97

SEDUC. **Projeto Tucum**. SEDUC. Cuiabá,1995.